

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio – 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Estigmas sociais em narrativas audiovisuais: visibilidades encenadas

ROSANA DE LIMA SOARES⁴⁹⁰

Resumo

O presente texto busca apontar as configurações de estigmas sociais em relação às culturas juvenis considerando produções audiovisuais presentes nas mídias como formas culturais articuladas por meio de discursos e dotadas de uma dinâmica sobretudo narrativa. Os conceitos de representação e identidade, em sua relação com as noções de visibilidade e reconhecimento, ensejam caminhos nos quais problematizar criticamente a produção e a circulação de imagens em nossa sociedade. Desse modo, observaremos produções presentes nas chamadas mídias hegemônicas e aquelas realizadas em circuitos independentes de criação e circulação, em formatos ficcionais ou documentais, estabelecendo suas recorrências e singularidades.

Culturas das imagens e crítica da mídia

O estatuto das imagens na contemporaneidade, especialmente quando relacionado à crescente cultura audiovisual, é tema que interpela o campo de estudos da comunicação a partir de diferentes filiações teóricas e objetos empíricos, levando-nos a reflexões que articulam a questão da imagem, do imaginário e da imaginação, as formas de endereçamento do outro e os modos de construção de sua representação nos mais diversos meios.

⁴⁹⁰ Professora Associada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP/Brasil).

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio - 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Os conceitos de representação e identidade, em sua relação com as noções de visibilidade e reconhecimento ensejam, assim, caminhos nos quais problematizar criticamente a produção e a circulação de imagens em nossa sociedade. Por se colocar em perspectiva crítica, tal processo se faz no entremeio entre a estética e a ética, desafiando discursos cristalizados e apontando suas aberturas. Esse movimento nos leva a questionar, por meio de produções audiovisuais brasileiras, se tais imagens operam apenas como reafirmação de discursos estabilizados (ou dominantes) ou se, por outro lado, permitem o surgimento de discursos de ruptura (ou de resistência), deslocando e rearticulando os discursos circulantes (Charaudeau, 2006) e as formas de partilha do sensível.

De maneira mais abrangente, por meio dessas definições podemos também problematizar as imagens contemporâneas complexificando sua percepção dicotômica enquanto *imagens ficcionais* ou *imagens factuais*. Considerando as produções audiovisuais presentes nas mídias como formas culturais articuladas por meio de discursos e dotadas de uma dinâmica sobretudo narrativa, buscaremos apontar as configurações de estigmas sociais em relação às culturas juvenis. Observaremos tanto produções presentes nas chamadas mídias hegemônicas como aquelas realizadas em circuitos independentes de criação e circulação, estabelecendo suas redundâncias e ressonâncias, seus pontos de contato e de distinção.

Desse modo, investigaremos, ao mesmo tempo, suas políticas da representação e regimes de visibilidade (Rancière, 2005), mobilizados em lutas identitárias e estratégias de reconhecimento, além de seus possíveis sentidos em relação à permanência ou ao deslocamento dos estigmas sociais nelas articulados. Sobre os estigmas, notamos que eles podem ser problematizados a partir de dois polos complementares: estigmas de *reforço* e estigmas de *transformação*. Mais do que uma oposição, redundância e ressonância serão pensadas como processos de construção de identidades, apontando para as relações por vezes conflituosas entre os diversos atores sociais, especialmente aquelas relacionadas às juventudes, seja como personagem de narrativas produzidas por outros, seja como produtora de suas próprias narrativas.

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio - 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Ao definirmos a crítica como capacidade de julgar, contestar, apreciar, discernir, explicar e interpretar diferentes objetos e situações, podemos nos voltar para a crítica de mídia em suas diversas vertentes por meio da sistematização de possíveis métodos de apreciação das produções midiáticas. Nesse sentido, o caráter relacional da crítica de mídia aponta para sua dimensão comunicativa, em que produtores e receptores acionam repertórios comuns mediados por tais produções: “Dessa forma, podemos dizer que, na contemporaneidade, não se trata mais de uma única cultura socialmente compartilhada, mas de várias culturas buscando, por meio de seus discursos, a validação de suas supostas verdades” (Paganotti & Soares, 2015, p.43). Nesse caso, a questão da segmentação de mercados, produções e públicos pode ser relacionada à percepção da não-homogeneidade da cultura e da sociedade.

Um duplo desafio, portanto, nos é apresentado: conceber os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos pelos quais realizar análises críticas, trabalhando com variados objetos empíricos a fim de delimitar os contornos de seu campo; e, além disso, empreender a crítica de discursos midiáticos específicos, no nosso caso em torno da temática dos estigmas sociais relacionados aos jovens. A crítica cultural deve, assim,

discutir a percepção de critérios e parâmetros próprios da crítica de mídia, a interação social entre crítico e públicos, e as teorias da crítica, sempre considerando na grande diversidade de objetos empíricos midiáticos o compartilhamento menos afastado entre produtores e receptores (Soares & Silva, 2016, p.11).

Se, num primeiro momento, o crítico atuava como uma espécie de mediador entre obra e público, atualmente também o público participa do exercício crítico, interferindo nos parâmetros de valoração estética e política das obras, aproximando-as do cotidiano. De acordo com Figueiredo, a atual crise da crítica “é tributária de tensões próprias da modernidade, isto é, não decorre de nenhuma ruptura, mas de um desequilíbrio, ou se quisermos, de um outro arranjo, entre as forças, os polos que balizavam a cultura moderna”, oscilando entre “uma opção moral contra a espetacularização operada pelas mídias e como uma tomada de posição contra a crença nos grandes projetos coletivos” (Figueiredo, 2016, p. 9).

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio - 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Nesse processo, não apenas o papel da crítica é desafiado, mas também alguns de seus pressupostos: a exterioridade do crítico em relação ao objeto, o questionamento de sua suposta neutralidade e universalidade como especialista, a ausência de sujeitos comuns na interrogação e valoração de produtos culturais (Figueiredo, 2016: 9). Ou seja: se a obra está sempre em construção e a experiência do autor e do público torna-se parte dela, como então realizar a crítica, especialmente se pensarmos nas disputas entre mídias corporativas ou alternativas, dominantes ou independentes, hegemônicas ou periféricas?

A maior acessibilidade e proximidade da cultura midiática com o gosto vigente, de acordo com Figueiredo (2016), torna dispensável a mediação de intérpretes. Entretanto, ao investirem em produtos de consumo *ligeiro*, as mídias perderiam sua potência transformadora se pensadas a partir de critérios da arte, o que nos levaria a buscar valores e parâmetros específicos para análises críticas das produções midiáticas.

Em um tríplice movimento – de legitimação da obra, formação do público e ampliação do campo – podemos vislumbrar uma primeira abordagem para realizar a crítica das imagens midiáticas. A crítica pode, portanto, ser concebida como um modo de olhar os objetos a partir de diferentes teorias, mirando-os de perto e deles se afastando para problematizá-los, em uma *dobra crítica* cujo efeito se produz na própria dobradura. Ao interpelar o estatuto das imagens na contemporaneidade, retomamos um debate clássico em diversos campos do conhecimento, entre eles a filosofia, a arte, a antropologia e a comunicação.

Visibilidades encenadas e estigmas sociais

Tal concepção encontra eco em obras voltadas para pensar o estatuto das imagens como dotadas de uma linguagem própria, sob vários vieses: sua sintaxe, sua gramática, seu enredo ou sua autonomia enquanto *discurso*, para que pensemos *sobre e com* as imagens. Afinal, o que querem e o que podem as incansáveis imagens contemporâneas? Do livro *Pensar a imagem*, organizado por Emmanuel Alloa, destacamos dois artigos em diálogo: “O que as imagens realmente querem?”, de William Mitchell, e “As imagens querem realmente viver?”, de Jacques Rancière, uma retomada do primeiro texto.

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio – 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Indagar sobre um querer advindo das imagens, e sobre a necessidade desse querer, leva-nos a refletir não apenas sobre seu caráter esteticamente autônomo, como também sobre sua potência política e mobilizadora. Podemos, então, a elas direcionar uma dupla inquietação: enquanto convocações, o que as imagens *fazem querer*? E ainda: o que *querem fazer*?

Mitchell afirma que as imagens nos interpelam e que seus aspectos visuais – não verbais – são formas de inscrição social; Rancière, em sua reação ao texto de Mitchell, apregoa que a primazia do icônico sobre o linguístico atesta o caráter imaginário do pensamento e, ao mesmo tempo, certo silenciamento das imagens, como se muitas vezes elas não pudessem/quisessem dizer algo. Entre a super-interpretação das imagens – dotando-as com nossas vozes, como se pudessem tudo dizer – e o esvaziamento de seu sentido – como se elas não tivessem nada a dizer, incorporando quaisquer sentidos – oscilam as tensões em torno das imagens.

As contribuições de Rancière (2005) sobre a “partilha do sensível” iluminam o debate, definindo os regimes de visibilidade como aqueles que determinam o que se dá a ver/sentir e o que pode ser visto/sentido, recortando tempos, espaços e sujeitos em torno de um “comum partilhado” e, ao mesmo tempo, demarcando os modos de distribuição excludente de partes desse tecido social. Entre compartilhamento e segregação circulam as imagens, o que nos obriga a interpelá-las, segundo o autor, sob dois aspectos indissociáveis: a estética e a política. O feixe de temáticas advindas dessa proposição é vasto, incluindo as definições de comum, comunidade, coletividade, reconstrução e reconfiguração do social, entre outras.

No equilíbrio entre hegemônias e contra-hegemonias – ambas compartilhando um mesmo recorte do visível, ainda que com visibilidades/invisibilidades distintas – vemos surgir diversos questionamentos em relação às imagens midiáticas. A partir da perspectiva foucaultiana, sabemos que as formações discursivas se constituem por um conjunto coerente de discursos correntes e são transformadas nos embates entre saber e poder. Ao terem rearticuladas suas conjugações, tais formações se transformam; desse modo, um contra-discurso não é uma escolha deliberada por outro discurso, que a ele se oponha, mas um contraponto aos discursos dominantes (Foucault, 1996).

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio - 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Dessa maneira, cabe-nos perguntar, ao pensarmos o lugar das imagens na contemporaneidade: quais seriam, afinal, as possibilidades de mudança e inovação – os espaços de transformação – em um panorama de hibridização e crescente mercantilização da cultura? Onde estariam as passagens – brechas – que, sabemos, são sempre internas aos discursos? Ou teremos, atualmente, apenas uma repetição estéril por meio da replicação incessante de imagens, sem que esta *repetição* implique na articulação de *diferenças*?

A fim de demonstrar alguns desses aspectos teóricos gerais em relação a objetos empíricos específicos, realizaremos a análise de narrativas midiáticas sobre o grafite e a pichação na cidade de São Paulo (Brasil), visando descrever e interpretar seus múltiplos discursos; compreender e desconstruir os sentidos nelas presentes; propor novos modos de realização dessas narrativas a fim de produzir outros significados sobre o tema, interferindo em suas apropriações sociais e na desconstrução de estigmas e preconceitos. Trataremos dos sistemas de produção (circulação), recepção (apropriação) e criação (obras), concebendo-os como interdependentes em relação às manifestações culturais urbanas e seus modos de intervenção social. O material empírico apresentado trata de algumas produções ficcionais ou documentais produzidas tanto por grandes empresas de comunicação como por grupos de mídia independente.

Novos regimes de visibilidade podem criar transformações nas formas de estigmatização presentes nas mídias, ampliando as políticas da representação, as fronteiras do reconhecimento e gerando novos debates no campo político e social. Nas variações entre reforço ou transformação de estigmas, os discursos midiáticos apresentam processos de assujeitamento ou protagonismo. Desse modo, as imagens presentes nas diversas mídias, seus modos de produção e circulação, de recepção e apropriação, trazem aberturas para observarmos essas estratégias e suas implicações políticas, movimentos de resistência e ruptura em torno dos processos de construção de identidades e representações.

III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes

Desigualdades, Desafíos a las democracias, memorias y Re-existencias
30 de julio - 3 de agosto de 2018. Manizales, Caldas, Colombia



Referências

Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

Figueiredo, V. L. F. (2016). Crise da crítica e declínio do paradigma estético da modernidade. In: *Anais. XXV Encontro Anual da Compós*, Goiânia.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Mitchell, W. J. T. (2015). O que as imagens realmente querem? In: Alloa, E. *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 165-189.

Paganotti, I.; Soares, R. L. (2015). Metacrítica midiática: reflexos e reflexões das imagens em Black mirror. In: Soares, R. L.; Gomes, M. R. *Por uma crítica do visível*. São Paulo: ECA-USP.

Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34.

Rancière, J. (2015). As imagens querem realmente viver? In: Alloa, E. *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 191-201.

Soares, R. L.; Silva, G. (2016). Lugares da crítica na cultura midiática. In: *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. Volume 13, número 37.